

“LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER”: FUTEBOL FEMININO E (IN)VISIBILIDADES DAS MULHERES NO CENÁRIO BRASILEIRO

Cássia Cristina Furlan¹

Mayara Teodoro de Oliveira²

Resumo: O futebol de mulheres tem crescido no Brasil, mas ainda existem lacunas a serem exploradas principalmente no que diz respeito aos marcadores sociais quando ligados ao gênero na constituição dessa prática. Assim, visando estimular a reflexão sobre essa modalidade no contexto nacional e contribuir para a promoção de espaços de visibilidade e empoderamento das mulheres no ambiente esportivo, este estudo objetivou analisar as perspectivas e as dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino em âmbito nacional e refletir sobre a percepção das mulheres acerca do aumento de sua participação e dos espaços para essa prática esportiva. Para o desenvolvimento do estudo, foi elaborado um questionário e realizada pesquisa com o intuito de coletar informações referentes à visão de mulheres que praticam futebol, considerando sua jornada como jogadoras dessa modalidade esportiva. Contou-se com uma população formada por mulheres que praticam futebol em cinco regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A amostra compõe-se por 171 mulheres, sendo 170 mulheres cisgênero e uma transgênero, com idades entre 11 e 59 anos. Concluiu-se que até os dias atuais a falta de incentivo e o preconceito têm sido determinantes na trajetória das mulheres praticantes de futebol, quer seja a prática realizada em clubes, escolas ou áreas de lazer.

Palavras-chave: futebol; mulheres; preconceito.

“A Woman's Place is Where She Wants”: Women's Football and Women's (In)Visibilities in the Brazilian Scene

Abstract: Women's football has social restrictions in Brazil, but there are still gaps that are not mainly linked to the rules used for scorers. Therefore, thinking about the reflection on this modality at the national level and deepening spaces of visibility and empowerment of women in the student environment as perspectives and difficulties faced with a female objective at the national level and reflecting on the perception of football in women of participation and spaces for female sports practice. For its development, what a vision thought and carried out with the aim of providing information about the women that the players practice in the ways of their journey was elaborated. There was a population that follows women who play soccer in five Brazilian regions, North, Northeast, Midwest, Southeast, and South. The sample consists of 171 women, 170 of which are cisgender women and one transgender, aged between 11 and 59 years. It is concluded that, until today, the lack of incentive and prejudice have been decisive in the trajectory of women who practice leisure, whether it is carried out in clubs, schools, or leisure areas.

Keywords: soccer; women; prejudice.

¹ Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora Adjunta na Universidade Federal de Grande Dourados – UFGD, Email: cassiacfurlan@gmail.com

² Universidade Federal de Grande Dourados – UFGD – Email: mayara.teodeoli@gmail.com

Introdução

O futebol é uma das mais tradicionais modalidades esportivas introjetada no imaginário social brasileiro como uma identidade nacional, por isso comumente se fala em “país do futebol” ou “pátria das chuteiras”. No entanto, é importante salientar que essa perspectiva é representativa do imaginário social atrelado ao futebol masculino, visto que a modalidade feminina ainda é pouco visibilizada no contexto da sociedade brasileira.

Como apontam Martins *et al.* (2021), o campo de pesquisas sobre o futebol de mulheres tem crescido no Brasil, mas ainda existem lacunas a serem exploradas principalmente no que diz respeito aos marcadores sociais quando ligados ao gênero na constituição dessa prática. Assim, visando estimular a reflexão sobre essa modalidade no contexto nacional e a contribuir para a promoção de espaços de visibilidade e empoderamento das mulheres no ambiente esportivo, este estudo objetivou analisar as perspectivas e as dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino em âmbito nacional e a refletir sobre a percepção das mulheres acerca do aumento de sua participação e dos espaços para essa prática esportiva.

Martins *et al* (2021) apontam que o futebol de mulheres no Brasil é marcado por medidas de interdições, invisibilidades e silenciamentos sofridos ao longo de boa parte do século XX. Ao mesmo tempo, aponta para resistência dessas mulheres, até mesmo quanto à proibição formal da modalidade via Decreto-Lei n.º 3 199, de 14 de abril de 1941, do presidente Getúlio Vargas, destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país, lei que perdurou do ano de 1941 ao ano de 1979.

No entanto, por mais que o momento libertador do futebol – após a revogação da lei proibitiva em 1979 – tenha proporcionado mais força às mulheres futebolistas, gerou, ao mesmo tempo, atrasos e retrocessos no desenvolvimento da modalidade, comprometendo cultural e simbolicamente o acesso de gerações de mulheres a esse esporte por continuar socialmente considerado impróprio e "masculinizante" (MENDONÇA; NINA, 2018).

Ou seja, ainda que as mulheres tivessem interesse em praticar o futebol, sendo este considerado culturalmente como um esporte de contato incompatível com o ideal de “sexo frágil”, elas foram e continuam sendo frustradas ou

discriminadas por precisarem ser e apresentar feminilidade e sexualidade tradicionalmente normatizadas.

Em meio a essa realidade social percebida até os dias atuais, as mulheres que se arriscam a permanecer no futebol aparentemente associam diferentes elementos e habilidades que se situam além da técnica e tática esportivas, para se posicionarem como mulheres e sujeitos que agem como indivíduos desviantes dos exercícios de poder acionados e apoiados pelas normas de gênero (SILVA, *et al.*; 2021).

Por isso, como comenta Goellner (2021), as mulheres, em diferentes tempos e espaços, têm a necessidade de elaborar estratégias para viver o futebol e nele (e por ele) exercer o direito de falar/se expressar. A autora, em seu artigo *Mulheres e Futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências*, presente em um dossiê temático que analisa a presença das mulheres no futebol, reforça que essa prática esportiva ainda é profundamente atravessada por questões de gênero e por isso se constitui como um tema que ainda merece grande investimento em termos de pesquisa, produção de fontes e visibilidade (GOELLNER, 2021).

Enfim, as tradicionais atribuições sociais, históricas e culturais do que é ser mulher fazem com que as jogadoras de futebol tenham que provar todos os dias que lugar de mulher é onde ela quiser. Por isso, é importante constantemente promover reflexões acerca da participação feminina em esportes considerados culturalmente como masculinos, a fim de promover debates sobre a inclusão e participação de todos/as não apenas nos esportes, mas nas aulas de educação física e em todos os espaços que acabam por reproduzir estruturas societárias excludentes.

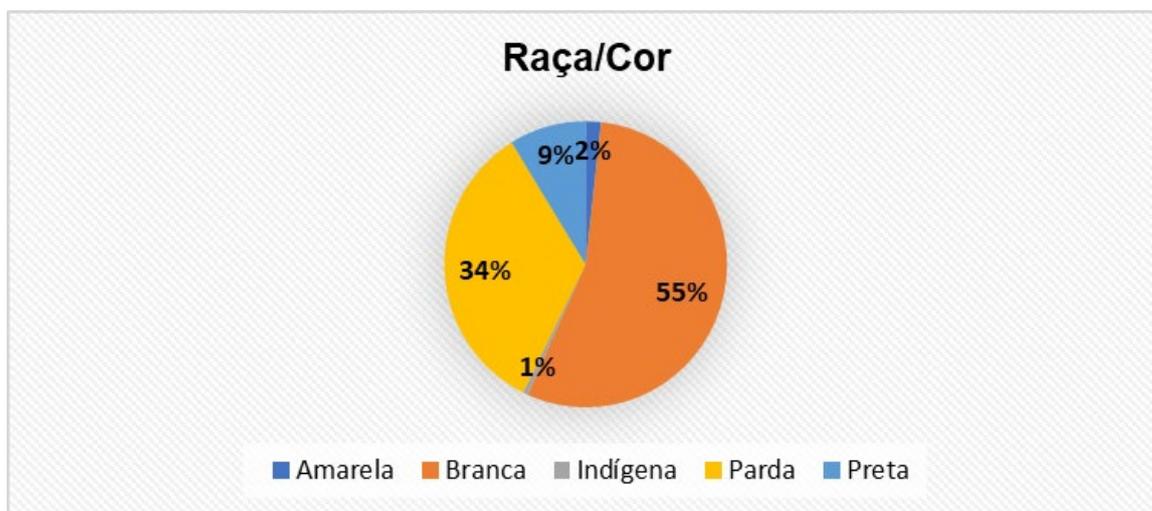
Mulheres praticantes de futebol

Para o desenvolvimento deste estudo, foi elaborado um questionário com 19 perguntas (abertas e fechadas) e realizada pesquisa para coleta de dados referentes à percepção de mulheres que praticam futebol quanto à visibilidade e ao empoderamento feminino em âmbito nacional nessa modalidade esportiva. Os questionamentos foram realizados com o objetivo de analisar as perspectivas e dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino no cenário nacional. As perguntas introdutórias visavam à caracterização das mulheres respondentes, e as demais

perguntas perpassavam temas como início e objetivos da prática, motivação e interesses, incentivos diversos (familiar, escolar, institucional) e dificuldades e/ou barreiras enfrentadas na prática.

Contou-se com uma população formada por mulheres que praticam futebol em cinco regiões brasileiras, com destaque para a região Centro-Oeste e Sul (ver Quadro 01). A amostra é composta por 171 mulheres, sendo 170 mulheres cisgênero e uma transgênero, que concordaram em participar voluntariamente do estudo³.

Figura 01: Caracterização de raça/cor



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

³ Esta pesquisa faz parte do projeto aprovado pelo Comitê de Ética.

Quadro 01: Localidade de residência

Região	Estado	Cidade	Qtde.
Região Norte 5%	Amapá	Macapá	6
		Santana	1
	Pará	Belém	1
Região Nordeste 1%	Bahia	Salvador	1
	Ceará	Fortaleza	1
Região Centro Oeste 51%	Goiás	Aragarças	1
		Goiânia	11
		Jataí	23
		Trindade	1
	Mato Grosso	Alta Floresta	1
		Barra do Garças	4
		Lucas do Rio Verde	1
		Pontal do Araguaia	1
	Mato Grosso do Sul	Bonito	1
		Campo Grande	1
		Dourados	37
		Fátima do Sul	1
		Itaporã	1
	Ladário	1	
	São Gabriel do Oeste	2	
Região Sudeste 2%	São Paulo	Barão de Antonina	1
		Presidente Prudente	1
		São Paulo	1
Região Sul 42%	Paraná	Arapongas	2
		Centenário do Sul	1
		Cornélio Procópio	9
		Curitiba	2
		Ibiporã	1
		Londrina	16
		Lunardelli	1
		Maringá	5
		Paiçandu	1
		Palmeira	1
		Pato Branco	2
		Toledo	1
		Uraí	1
	Xanxerê	1	
	Rio Grande do Sul	Pelotas	1
		Rio Grande	1
	Santa Catarina	Florianópolis	22
		Imaruí	1
São José		1	
	São Lourenço do Oeste	1	

O estudo contou com uma prevalência de jogadoras instruídas, pois cerca de 80% está cursando ou já concluiu o ensino superior e 76% delas são profissionais que já atuam no mercado de trabalho. Possuem idades entre 11 e 59 anos e em sua maioria (55%) são de raça/cor branca.

Início da prática do futebol

Com o intuito de desvendar como têm sido os primeiros passos das mulheres no futebol brasileiro, foram elaboradas as perguntas: “*Como você iniciou sua prática no futebol? Com que idade? Como foram as suas experiências iniciais? Relate algumas vivências*”.

Assim, quando questionadas sobre o início da prática do futebol e suas primeiras experiências, 50% das participantes atribuíram seus primeiros passos no esporte à escola, 22% jogavam como recreação, em brincadeiras em casa ou na rua, e 15% mencionaram a importância da família na introdução dessa atividade em sua vida.

Ao relatar algumas vivências, uma das participantes menciona:

Comecei a jogar futebol na rua com amigos e muitas vezes me chamavam ‘Maria Macho’ por ser a única menina que jogava futebol na rua. Tanto na família quanto na escola. Depois comecei a praticar o futsal na Universidade na posição de goleira e ainda ouço muitos estereótipos e preconceitos tanto na questão de gênero porque ainda existem pessoas que acham que futebol/futsal é esporte para homens praticarem. Alguns ‘amigos’ me chamam de ‘sapatão’ por jogar futsal até hoje. Meus pais as vezes brigavam comigo porque achavam que isso não era modalidade para mim e me repreendiam muitas vezes dizendo para eu me ‘comportar como uma menina’. Tenho um irmão e meus pais sempre compravam os equipamentos que ele precisava para participar dos eventos esportivos da escola (chuteira, camisas, shorts, caneleiras) e quase nunca me ajudavam a pagar ao menos a Inscrição. Aí, depois que entrei na Universidade, comecei a fazer um estágio remunerado e eu mesma comecei a me ‘banciar’ no esporte [...] (CARLA, 23 anos⁴).

Aparentemente, por mais que fosse aceita a prática do futebol, não havia incentivo, nem compreensão, principalmente pela família, fator que se espraiava no contexto social mais geral, na medida em que os modos de se referir às mulheres praticantes correlacionavam-nas às perspectivas heteronormativas, centradas nesse ideal de decorrência entre sexo → gênero → desejo (BUTLER, 2003).

⁴ As respondentes foram identificadas com nomes fictícios.

Outra integrante da pesquisa relata:

Desde criança convivi em um ambiente repleto de artigos de futebol como, troféus, fardamentos e outros acessórios, assim como, acompanhava muitos jogos de futebol, mas sempre masculino, pois meu pai lidera times de futebol masculino. Nesse contexto realizava alguns momentos de jogo, em time formado por colegas no campo de futebol na casa dos meus avós, outros como participante em times femininos da cidade, mas não era uma atividade regular porque não tinha incentivo e ouvi muito ‘isso não é coisa de menina’. Então, somente quando já era adulta consegui praticar essa modalidade com mais regularidade (AMANDA, 34 anos).

Como relata Amanda, apesar de estar rodeada pelo mundo do futebol, esse era um ambiente ao qual ela não poderia pertencer. Salvini e Marchi Júnior (2016) abordam essa questão e comentam sobre a falta de incentivo ao consumo dessa modalidade por mulheres. Gambôa (2019) também aborda essa questão e menciona que quando há incentivo familiar muitas vezes esse não provém das figuras femininas, pois estas reproduzem também essa cultura de papéis femininos e masculinos introjetada no imaginário social.

Apesar de na escola o futebol ainda ser considerado um esporte masculino (AGUIAR; MALDONADO, 2021), muitas das respondentes atribuíram seu início a esse ambiente. Uma das mulheres que começou a prática na escola comenta:

Sempre joguei na escola nas aulas de educação física, desde os 7 anos de idade. Era constrangedor jogar apenas com os meninos, visto que, na época, apenas os meninos jogavam e as meninas ficavam em um outro espaço brincando com alguns brinquedos fornecidos pela escola. Já na adolescência em outra escola, o futebol feminino tinha abordagem maior, com um time feminino e treinos em determinados dias da semana. Após a escola fiquei muito tempo sem jogar, por não encontrar um time feminino que costumasse treinar, e recentemente, à menos de 1 ano encontrei as meninas da OAB, e comecei a brincar novamente (BARBARA, 24 anos).

Algumas respondentes comentam sobre essa necessidade de jogar com os meninos por não existir número suficiente de meninas para realizarem a prática. Mas será que as meninas não jogam por falta de interesse ou por acreditarem que não possuem habilidades suficientes para isso? Talvez as meninas até tenham a intenção de jogar, porém receios e constrangimentos, e até mesmo a comparação com o que os meninos já conseguem fazer com uma bola nos pés, afastem-nas desse ambiente. Como disserta Alexandre (2016), as crianças em idade escolar, de uma forma geral, acreditam que as meninas, além de não gostarem de jogar,

não possuem habilidade e desconhecem as regras esportivas, mas é necessário descobrir o porquê deste “não gostar”, pois isso pode ser decorrente do próprio preconceito e de estigmas relacionados ao esporte que as meninas já enxergam no ambiente escolar ou até mesmo dentro de casa, fazendo com que elas vivam um ciclo de constantes exclusões e perpetuação da discriminação (ALEXANDRE, 2016).

Visivelmente, as mulheres têm encontrado barreiras para se iniciarem nessa modalidade e, mais ainda, para a manutenção dessa prática. Aparentemente, o desenvolvimento do futebol feminino enfrenta uma lógica intermitente de expansão e refluxo, não apenas por ser tradicionalmente um esporte associado à virilidade e ao esforço físico masculino (FERREIRA et al., 2018; BANDEIRA; SEFFNER, 2018; KESSLER, 2012), mas também por ainda não ter ganhado espaços de visibilidade equivalentes ao futebol masculino (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013). Existindo em um ambiente rodeado por preconceitos com relação ao gênero, questionamentos sobre a sexualidade das atletas são recorrentes, havendo pouca visibilidade midiática e conseqüente falta de incentivo financeiro e também de campeonatos (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016)

Contrariando essas experiências, outra jogadora expõe:

Iniciei no esporte desde pequena, meu pai sempre me levava pra assistir seus jogos de futebol. Comecei a praticar jogando com meus primos e amigos que moravam próximos a mim. Foi quando meus pais decidiram procurar um local pra eu treinar pois já não era mais legal ver uma garota jogando no meio dos meninos na rua. Então comecei a treinar no SESC com orientação de um técnico e com várias outras garotas (CAMILA, 30 anos).

Barlemet *al* (2020) comentam que meninos e meninas normalmente se iniciam nas práticas esportivas juntos e sem qualquer distinção de gênero, de forma lúdica e como diversão. No entanto, conforme eles vão crescendo e se desenvolvendo, as escolhas sobre o que praticar começam a ser influenciadas pelos "padrões" da sociedade e das pessoas que os/as rodeiam, pais ou amigos, levando a escolhas de modalidades percebidas como femininas ou masculinas. Essa divisão entre as práticas pode ocasionar a desistência de futuras atletas, pois muitas meninas são desencorajadas ao acreditarem que garotas são piores em esportes, havendo falta de incentivo e falta de respeito em relação a elas nesse aspecto.

Todavia, com o apoio da família as meninas conseguem se dedicar mais ao esporte. Como mostra Holanda Junior (2018), nem sempre o apoio familiar é imediato e com estímulo ao esporte; muitas vezes as jogadoras conseguem apoio tardio, ou seja, acabam conquistando a “permissão” para jogar mais tarde, mas é importante frisar que tal incentivo pode influenciar na segurança emocional, performance esportiva e resiliência perante os desafios.

Existem ainda aquelas que começaram apenas na fase adulta, com 20 anos ou mais, sendo esta a realidade de 7% das respondentes. Uma delas aponta:

Comecei em um clube recreativo com um grupo de mulheres de idades variadas. Estava com quase quarenta anos, jogávamos com mulheres de 16 a mais de 50 anos. Partimos do zero, sem saber nada de jogar futebol, com o tempo o clube arrumou um técnico para nos treinar. Com o tempo fomos melhorando, apesar de eu achar que o técnico era muito ruim, não era um profissional que gostava do que fazia, então nossa evolução foi lenta. E sempre que o clube tinha outras demandas para o técnico retirava ele do nosso grupo, afinal, não éramos a prioridade (EVA, 44 anos).

Uma diferença nessa fase é que as praticantes da modalidade já não esperam nenhum tipo de aceitação, realizando a atividade independentemente da vontade de terceiros. Holanda Junior (2018) comenta que as atletas que superam os primeiros estigmas, permanecem jogando e muitas vezes se tornam competitivas e acabam conseguindo alcançar o tão esperado apoio, reconhecimento, resultados em campo e até mesmo retorno financeiro. Já outras interrompem seu sonho, mas acabam retornando ao ambiente do futebol e jogando como forma de lazer.

Ainda assim, observa-se uma constante indignação das mulheres futebolistas quanto à falta de prioridade aos times femininos para a prática da modalidade, quando comparados a equipes masculinas, quer seja em âmbito público ou privado. Batista e Devide (2009) acreditam que o futebol masculino é superposto ao feminino devido às questões históricas, culturais e sociais que estão intrincadas na sociedade brasileira.

Por questões como essas, as meninas acabam tendo sua iniciação de maneira mais tardia, apenas na prática do futebol na escola, devido ao fato de o futebol e o futsal serem conteúdos altamente presentes nas aulas de Educação Física das escolas brasileiras, sendo compreendidos como força da cultura e como os esportes mais conhecidos pelos/as alunos/as (MAFFEI; *et al.*, 2019). Logo,

provavelmente seja essa a explicação do resultado representativo da escola nesta pesquisa, pois, por mais que muitas vezes as meninas enfrentem obstáculos para conseguirem realizar essa prática na escola, é nesse ambiente que muitas delas têm seu primeiro contato com o esporte e as primeiras oportunidades de jogo.

Ainda assim, na Educação Física, educadores/as apontam para a necessidade de criação de novas regras para os jogos com o intuito de inserir as meninas nessa prática, fazendo uso da justificativa de necessidade de ajustamento à capacidade enfraquecida das meninas (BORTTOLIN, 2011), pois, como aponta Butler (2018), as mulheres acabam sendo constantemente associadas à vulnerabilidade e à fragilidade, obtendo posição de impotência, enquanto os homens alcançam posições hierárquicas, sustentadas pelo machismo coletivo que tenta privar as mulheres de seus direitos, quer seja na comunidade escolar ou na sociedade como um todo.

Objetivo da prática de futebol

O futebol é um fenômeno social que está fortemente presente na vivência diária dos brasileiros, quer seja em rodas de conversas ou na prática propriamente dita, manifestando-se nas ruas, nas instituições de ensino, nos ambientes de lazer, além da inserção garantida em praticamente todas as mídias existentes, como internet, rádio, jornais e programas de televisão. Tudo isso faz com que os indivíduos se sintam como se fossem técnicos, exímios jogadores de futebol e até mesmo historiadores da modalidade (FREIRE, 2006).

Dessa forma, a categoria acaba despertando interesse nas mais diversas pessoas, independente da classe social, raça e do sentimento que desperta, graças a uma cultura do futebol que permite várias possibilidades, como prática esportiva, prazer, paixão ou simplesmente distração (SILVA, 2015). Essa perspectiva do futebol como parte da vida do brasileiro desperta a curiosidade em relação ao objetivo da prática de futebol pelas mulheres brasileiras.

Por isso as participantes do estudo também foram questionadas quanto à realização da prática por lazer/prazer ou competição e convidadas a relatar algumas experiências. A maioria delas pratica como lazer (47%); outras dizem praticar como lazer e competição ao mesmo tempo (46%), pois, por possuírem equipes de treinamento, acabam realizando jogos amistosos e até mesmo

participando de campeonatos amadores. Uma delas comenta: “[...] competimos sempre, quem gosta de treinar, ama competir” (TAMARA, 32 anos).

Figura 2: Objetivo da prática do futebol de mulheres



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Existem aquelas que veem o futebol como momento de lazer em que é possível esquecer as obrigações diárias: “Lazer, muito boa experiência, você pode tudo basta querer” (VITÓRIA, 57 anos); “Lazer, um momento em que me desligo de tudo e me divirto com pessoas que estão na mesma sintonia” (ZÉLIA, 27 anos).

Muitas dessas mulheres praticam futebol apenas como lazer, pois num passado pouco distante foram desmotivadas à prática e, conseqüentemente, não lhes foi propiciada a experiência com as habilidades motoras necessárias a um bom desempenho esportivo. Provavelmente devido a uma definição social de como uma menina deveria agir, a cor que deveria usar, o brinquedo com que deveria brincar, o esporte que deveria praticar, essas mulheres tiveram poucas vivências com a modalidade, experienciando o esporte apenas na idade adulta. E hoje, como adultas, elas têm a liberdade de realizar uma atividade que lhes traz prazer e proporciona a prática de uma atividade física.

Entretanto, muitas daquelas que hoje praticam como lazer já competiram em algum momento:

Hoje pratico por lazer, porque vejo a necessidade da prática esportiva e também porque gosto. Porém já competi por muitos anos. Iniciei minha prática no futsal muito cedo, e sempre ganhei bolsa de estudos em escolas muito boas (ALESSANDRA, 26 anos).

Hoje pratico por lazer. Mas já pratiquei profissionalmente, em que recebia bolsa atleta. Era uma cobrança muito grande, mas eu amava. Foi uma parte fundamental de minha formação. Jogávamos os jogos escolares e jogos da juventude. Depois,

competi durante a faculdade nos jogos interatleticas (GABRIELA, 28 anos).

Aquelas que praticam focadas em competições comentam: “Competi por 10 anos. Dos 8 aos 18. Jogos escolares, jogos da juventude, jogos abertos, campeonatos organizados por algum município ou entidade etc. Mas sempre com times amadores, nunca profissionais” (BIANCA, 24 anos); “Participo de competições desde que me entendo por gente [...] É algo que eu realmente amo. Aprendi e aprendo muito com as vitórias e as derrotas e consegui absorver muitas coisas com a disciplina que a carreira de atleta exige [...]” (CAROLINA, 25 anos); “Particpei de competições desde o início com oportunidades de jogar Paranaense Sub 17, 20 e Adulto, Jogos da Juventude, Jogos Abertos Fase Regional, Final B e Fase Final A e Universitários” (DEBORA, 32 anos).

Apesar da representatividade das competições na vida de grande parte dessas atletas, 22% das respondentes disseram nunca ter participado de competições. Do total de participantes, apenas 7% disseram ter participado de competições profissionais, mas a maioria sem remuneração ou com baixa remuneração. Apenas uma jogadora comentou receber um valor significativo, mas somente em caso de vitória: “Profissional ganhava 3 mil por jogo vencido no campeonato interestadual” (ELAINE, 26 anos).

Figura 3: Participação em competições de futebol de mulheres



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Algumas dessas jogadoras de futebol feminino, cerca de 6%, disseram receber bolsa atleta, a maioria delas na condição de estudantes do ensino fundamental ou superior. Outras ganharam bolsa de estudos e a oportunidade de

estudar num colégio com um bom nível de ensino, conforme fala: “Competi pela Escola [...], não foi remunerado, porém me proporcionou estudar em uma escola onde meus pais não podiam pagar” (FABIANA, 26 anos).

Todavia, a maioria das respondentes, 65%, participaram apenas de competições amadoras, nas quais elas acabaram tendo que investir seu dinheiro, conquistando apenas o prazer de participar de campeonatos. “Competi no amador, nunca recebi nada, acabava gastando do próprio bolso pra jogar” (GISELE, 28 anos). Muitas vezes as próprias jogadoras se comprometem a organizar eventos para poderem participar de campeonatos.

Dificuldades encontradas para a prática do futebol feminino

São perceptíveis fortes posições contrárias à prática feminina no futebol, muitas vezes associadas às dimensões relacionadas à saúde, maternidade, razões estéticas e de feminilidade, ora por se acreditar que o esporte seja violento e prejudicial ao organismo feminino que, teoricamente, não está habituado a esses grandes esforços, ora por considerar que gera um desenvolvimento antiestético e desproporcional, levando à aquisição de qualidades não visadas na mulher ou desnecessárias e desgraciosas a elas (ROQUE, 2020). E esses pensamentos levam ao questionamento sobre o que realmente tem impedido a prática do futebol pelas mulheres.

Assim, ao serem questionadas sobre a existência de impedimentos para a prática do futebol feminino, cerca de 60% das respondentes mencionaram não existir impedimentos. Provavelmente por estarem considerando suas vivências atuais de mulheres, em sua maioria, adultas e independentes que aparentemente não precisam mais de aprovação para realizar uma atividade de que gostam, praticam o esporte como forma de lazer e conseguem conciliar esses momentos com suas obrigações.

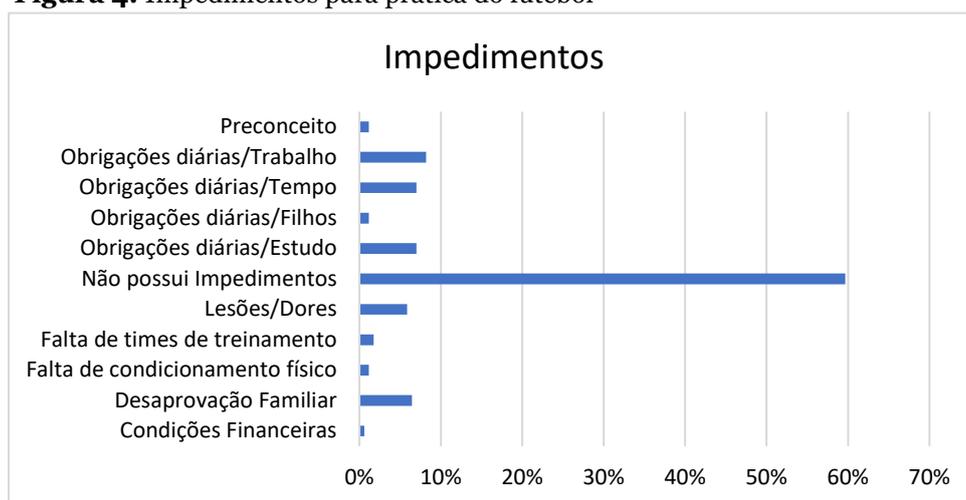
No entanto, Souza e Capraro (2017), em seu artigo “Female Athletes Remembering Football During Childhood. The Transposition of Gender Borders”, esclarecem que historicamente o futebol tem sido pouco praticado por meninas na infância em escolas ou espaços de lazer, muitas vezes devido às tentativas de impedimento ou de restrições, seja pelo desencorajamento por parte de familiares, seja pelas ofensas ou a exclusão inicial do convívio masculino. No entanto, sempre existem as meninas que cruzam as “fronteiras de gênero” – que

dividem os comportamentos ditos adequados e culturalmente estabelecidos aos sexos – e passam a conviver com meninos na prática do futebol.

Em relação a esse aspecto, a opinião das respondentes é de que hoje não existe impedimento para elas, mas o contrário acontecia na infância: “Nenhum. Na infância, tive o receio/preconceito de minha mãe quanto à homossexualidade de algumas mulheres. Ela entendeu que eu não possuía, na época, maturidade para fazer minhas escolhas sexuais” (GABRIELA, 28 anos).

Muitas vezes as meninas e as mulheres acabam sendo rechaçadas das práticas futebolísticas devido ao receio social de que as expectativas em relação ao gênero e à sexualidade sejam frustradas, por isso se criam proibições dentro e fora de casa para que elas não se orientem ao considerado socialmente como “anormal” (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013) ou abjeto (BUTLER, 2003).

Figura 4: Impedimentos para prática do futebol



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

No entanto, 40% das participantes descreveram situações que as impedem ou pelo menos dificultam a prática, como trabalho, tempo, família, estudos e outras. Dentre esses impedimentos, foram mencionados: “Falta de apoio financeiro para ter os acessórios necessários para treinamento” (HELENA, 25 anos); “[...] o único impedimento é a falta de tempo, por conta do estágio e estudos” (INES, 19 anos); “O trabalho as vezes atrapalha, mas não impede” (JULIA, 30 anos); “Filho, pois pelo horário é difícil arrumar alguém pra ficar com ele. Mas quando não arrumo, ele vai comigo e todas entendem pois é algo muito

inerente a vida das mulheres” (KARINA, 27 anos); “Faculdade me impede pois os treinos disponíveis são a noite (LAIS, 21 anos)”.

Todavia, quando se pensa a prática profissional, ser mãe ou jogar futebol é um dilema para as mulheres que “vivem da bola”. Na oitava Copa do Mundo do futebol feminino, realizada no ano de 2019, a lateral Tamires era a única mãe entre as 23 jogadoras brasileiras convocadas. Com a gestação e a necessidade de cuidar do filho, a jogadora ficou afastada do esporte por quase quatro anos. Acredita-se que a carreira curta e a falta de suporte inviabilizam maternidades para as atletas (EL PAÍS, 2019).

Como mostra Martins *et al.* (2021) em seu artigo As mulheres e o país do futebol, atualmente se assiste a um grande crescimento do futebol de mulheres no país, mas elas ainda enfrentam uma pluralidade de experiências no que diz respeito aos seus corpos, suas vidas e as relações cotidianas que acompanham sua participação esportiva no futebol e sua vida em sociedade.

Além disso, são colocadas questões referentes a lesões, falta de equipes para que seja possível treinar e participar de jogos femininos, falta de condicionamento físico e desaprovação familiar, como no caso de jogadoras casadas. Uma delas menciona: “Meu ex-marido reclamava de eu ir pro futebol uma vez por semana, mas resolvi, me separei dele (MELINA, 35 anos)”.

Contudo, por mais que as respondentes do questionário hoje não percebam nessa questão, até mesmo inicial, os impedimentos que as levaram à situação atual da prática do futebol apenas como lazer, posteriormente serão relatadas várias situações e memórias que prejudicaram sua inserção no mundo do futebol.

Como aponta Butler (2018), as exclusões estão evidenciadas no cotidiano da sociedade, sendo naturalizadas e pouco questionadas. Ao que tudo indica, a sociedade acha ‘natural’ o futebol ser um esporte voltado eminentemente ao público masculino, o que torna passível a exclusão feminina desse cenário. Para que seja possível “virar o jogo”, é necessária uma política democrática, bem como o apoio das organizações do futebol, que favoreçam a busca da igualdade, vislumbrada inclusive em percepções de mulheres comentaristas dos jogos da seleção brasileira de futebol feminino. Por exemplo, Renata Silveira, no comentário realizado ao final do jogo amistoso da seleção brasileira contra a Dinamarca (24 de junho de 2022) afirmou haver um hiato entre o incentivo ao

futebol feminino brasileiro em relação, por exemplo, ao futebol de mulheres na Europa e Estados Unidos⁵. Para a comentarista, a perspectiva é que o futebol feminino brasileiro atinja os patamares do futebol europeu daqui a, pelo menos, 10 anos, se continuarmos mudando a cultura machista e incentivando o futebol feminino, sobretudo de base, que tem tido maiores condições nos últimos anos.

Preconceito no futebol feminino

Ainda que o Brasil seja considerado o país do futebol e que essa modalidade seduza multidões, ela ainda é marcada por preconceitos, principalmente quando se pensa a prática do esporte por mulheres (ROQUE, 2020). Nesses termos, por mais que o futebol feminino esteja conquistando cada vez mais espaço na sociedade brasileira, ainda há muita resistência por parte da sociedade normatizada. Conseqüentemente, as mulheres têm que lidar constantemente com preconceitos, discriminações e exclusões (BORTTOLIN, 2011; FERREIRA *et al.*, 2018; BROCH, 2021).

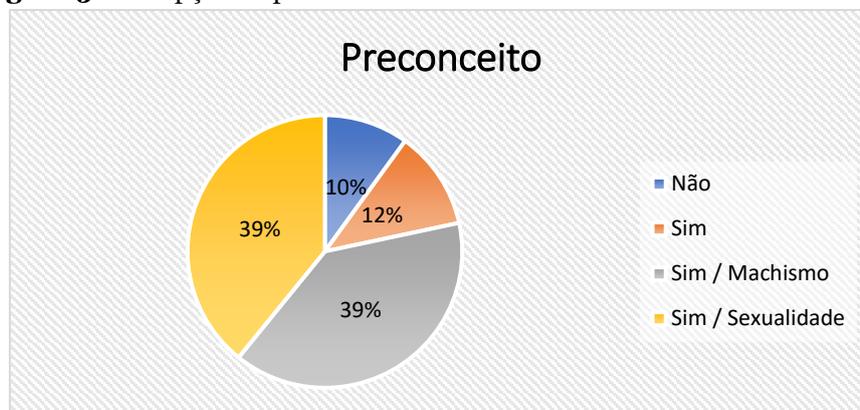
Como Butler (2003) deixa claro, existem muitas barreiras sociais para romper a concepção generalizada do que é ser uma “mulher”. Algumas atitudes já estão normalizadas para as mulheres, e ser jogadora de futebol certamente não é uma delas. Assim, nessa prática as mulheres precisam quebrar a concepção de que futebol é “coisa de homem”. A todo o momento, precisam lutar para garantir o direito de assumir diferentes feminilidades sem serem sexualizadas e limitadas à aparência física. A sua sexualidade (seja ela qual for: hetero, homo ou qualquer outra) não interfere em suas experiências esportivas e muito menos deveria ser utilizada para menosprezar aspectos relacionados ao ser mulher ou ao pertencimento das mulheres a essa modalidade esportiva. Essas categorizações são limitantes e estereotipadas e intensificam as normas e as proibições prejudicando o acesso livre e igualitário às diferentes modalidades esportivas e demais práticas corporais. Da forma como está, as mulheres têm muito a provar antes de poderem praticar a modalidade sem interferência da sociedade.

Por isso, como já previsto, as mulheres jogadoras de futebol que aceitaram fazer parte desse estudo foram questionadas quanto à percepção de algum preconceito e/ou estereótipo relacionado à prática do futebol feminino, e apenas

⁵ Comentário tecido ao final do jogo de Brasil e Dinamarca (feminino), transmitido na TV Globo (canal aberto), após a derrota da seleção brasileira por 2 x 1.

10% delas não vivenciou ou não consegue enxergar o preconceito velado que provavelmente as envolve/envolveu.

Figura 5: Percepção do preconceito no futebol de mulheres



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Entre as participantes do estudo, 90% reforçaram a opinião de que sim, existe preconceito, e mais que isso, ele é notadamente explícito, sendo que 39% destas enfatizaram o preconceito em forma de machismo estrutural, algo que já está totalmente impregnado na cultura da sociedade brasileira, e 39% retrataram a perspectiva da sexualidade.

Ao que tudo indica, as futebolistas são alvo de três tipos de discursos preconceituosos: (i) referente ao medo do distanciamento da feminilidade tradicional, sexualmente desejável; (ii) relativo à masculinização da mulher na prática de um esporte de contato que é considerado “masculino”; (iii) e relacionado à visibilidade de signos de masculinidade que possam associar as jogadoras com a homossexualidade e os preconceitos consequentes dessa associação (KNIJNIK, 2014).

Corroborando essas afirmações, as respondentes afirmam ser comum ouvirem dizer que futebol “é coisa de homem” (NATÁLIA, 27 anos), que “mulher não sabe jogar bola” (SAMANTA, 21 anos), e ainda reforçam a percepção desse preconceito pelo fato de “o salário, o investimento nas competições, não se compara aos dos homens” (REBECA, 40 anos). Uma delas comenta que “[...] desde a infância todos falavam que futebol era para menino e que eu não deveria ficar no meio dos meninos jogando. E até hoje muitas pessoas ainda possuem esse tipo de pensamento, menos do que quando eu era criança, porém ainda existe muito” (INES, 19 anos).

Salvini e Marchi Júnior (2016), no artigo *Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro*, reforçam essa ideia e relatam que as dificuldades enfrentadas por jogadoras de futebol no Brasil são em sua maioria relacionadas ao preconceito – seja de gênero ou pela falta de incentivo – muito recorrente no discurso de jogadoras. Por isso, o adjetivo “guerreiras” é frequentemente descritivo dessas atletas devido aos empecilhos que elas enfrentam para poderem realizar a prática do futebol, e mais ainda quando depositam nele seu ensejo profissional. Por isso, as mulheres futebolistas precisam não apenas de talento, mas também de resiliência (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

Sobre a questão da sexualidade, chama a atenção esse esclarecimento: “as meninas da minha geração que jogavam futebol tinham que se impor para poder jogar com os meninos. E isso nos deixava com um estereótipo de ‘mulher macho’ e coisas do gênero” (TEREZA, 33 anos). Ou seja, é provável que esse estigma da sexualidade advenha do preconceito machista que as jogadoras tinham que conseguir ultrapassar.

Muitas delas reforçam: “[...] pelo fato de sermos mulheres e jogarmos futebol pensam que somos homossexuais e isso nem sempre é verdade, ou seja, eles rotulam as mulheres por gostarem de um esporte considerado masculino” (SIRLENE, 24 anos). E ainda: “[...] acham que só por jogar somos da comunidade LGBTQI+ ou que jogar muito e com meninos pode fazer a gente virar dessa comunidade. Além de sermos subestimadas [...]” (JENIFER, 21 anos). “[...] ainda se houve falar que mulheres/meninas que praticam futebol são homossexuais e que muitas vezes é colocado em check sua feminilidade” (NICOLE, 22 anos). Ou seja, permanecem sendo reproduzidos e perpetuados os tabus em relação à orientação sexual e identidades de gênero alternativas no futebol de mulheres (KESSLER, 2015).

Supõe-se que a minimização do preconceito abarque a mudança de termos, conceitos, práticas e legislações, sendo necessário permitir às jogadoras direitos e liberdades que as valorizem e possibilitem que a mulher entendida como fêmea, portadora e abrigo da feminilidade tradicional e sujeitada a conformar-se a preconceitos que a subjagam como ser inferior, contraste com a figura “guerreira” de mulheres que adentram o universo esportivo. Tais mulheres

expressam masculinidades e feminilidades que muitas vezes se afastam das noções hegemônicas que lhes são impostas socialmente (KESSLER, 2015).

Incentivos municipais para o futebol feminino de base

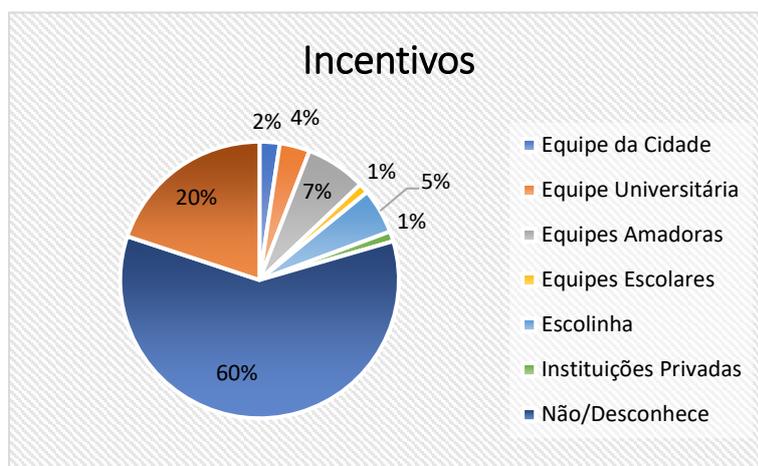
A partir do ano de 2019, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) deu início ao incentivo à formação de uma consistente base futebolística de mulheres, incluindo em seu Licenciamento de Clubes a obrigatoriedade de incentivar o desenvolvimento das categorias de base feminina, e ter ao menos uma equipe de categoria de base, quer seja Sub-20, Sub-17 ou Sub-15, e ainda contar com uma equipe principal feminina ou manter acordo de parceria ou associação com um clube que mantenha uma equipe feminina principal estruturada, da melhor forma que puder desenvolver o esporte. Nesse sentido, os clubes devem prover as condições necessárias para o desenvolvimento adequado dessas equipes, como, por exemplo, suporte técnico, seguro saúde, equipamentos e infraestrutura (campo para treinamento e local para disputa das partidas oficiais etc.), devendo demonstrar que tais equipes disputam competições oficiais autorizadas pela CBF ou por Federações Estaduais (CBF, 2019).

Ainda assim, pode-se considerar que mesmo com essas tentativas oficiais de incentivo, o futebol feminino brasileiro até então esbarra no machismo característico da cultura dessa sociedade (FRANZINI, 2005). Por isso, apesar de não ser possível analisar o futebol de mulheres no Brasil apenas a partir da seleção nacional, é através de sua trajetória e conquistas que se tornam viáveis os incentivos, devido à visibilidade que ela proporciona à modalidade, apesar de normalmente a mídia oferecer protagonismo às futebolistas apenas no período de competições de grande porte (GOELLNER, 2021).

Mas, como comenta Biram (2021), em seu artigo “As sereias da vila na terra do rei”, que examinou como o enraizamento da hegemonia masculina afeta a prática cotidiana no Santos FC e foi desenvolvido através de uma pesquisa de campo com o time feminino, é imprescindível a incorporação do capital cultural acumulado do futebol feminino a clubes, como o Santos, para desestabilizar a percepção de tradição e história somente masculina dos clubes. Ainda assim, como comenta o autor, as jogadoras constantemente negociam as tensões entre as inventadas tradições de gênero e a inclusão feminina no clube (BIRAM, 2021).

Pensando essa questão dos incentivos, bem como a existência de categorias de base visíveis – as jogadoras amadoras brasileiras–, perguntou-se: Há incentivos na sua cidade (ou na cidade de origem) para o futebol feminino de base? Quais ações você conhece? Cerca de 60% das respondentes acreditam que não existe nenhuma forma de fomento ou estímulo para a modalidade em sua cidade e, caso exista, elas desconhecem, ou seja, se existe, não há divulgação, pois as próprias praticantes do esporte não têm essa informação.

Figura 6: Percepção quanto a incentivos municipais para o futebol de mulheres



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Apenas 5% comentam sobre a existência de escolinhas ou projetos sociais de bairros que abrem turmas exclusivamente para meninas. Duas respondentes comentam que em seu município existem instituições privadas que se dedicam à modalidade. E 2% afirmam existir a equipe de treinamento do município, como é possível perceber nesse relato de uma respondente da região Sul “[...] um clube da cidade começou a organizar time depois do sucesso da Copa do Mundo de futebol feminino de 2019” (MARCELA, 29 anos).

Somente 7% mencionam a existência de times amadores, ou seja, iniciativas das próprias jogadoras que se organizam para treinos e muitas vezes realizam pequenos campeonatos ou amistosos. Uma respondente do Centro-Oeste comenta: “[...] são poucos os campeonatos femininos e aqui na cidade não temos oportunidade para seguir carreira no futebol/futsal” (ALINE, 24 anos).

Um total de 5% atribui as iniciativas relativas ao futebol feminino às instituições de ensino, o que muitas vezes não pode ser considerado futebol de

base, até porque os times universitários são compostos por jogadoras com mais de 17 anos, idade em que inicia o Ensino Superior.

Contudo, 20% comentaram que existem sim incentivos ao futebol feminino de base em seus municípios, mas muitas delas não conhecem ou não sabem explicar ao certo como funciona, e outras acabam se referindo aos times amadores como expressivo nesse objetivo de crescimento e ressignificação do futebol feminino.

Considerações finais

Até o presente, muitos esportes ainda são caracterizados como altamente masculinos, e o futebol no Brasil se enquadra nesse cenário. Assim, as mulheres que praticam a modalidade são desqualificadas pelos expectadores, os quais acreditam que elas não possuem a mesma intensidade, a mesma força, não são “boas de bola”. Ao mesmo tempo, se elas mostram um desempenho acima da média, são masculinizadas, muitas não conseguem publicidades ou seu rosto estampado nas marcas, pois prevalecem noções idealizadas de feminilidade, e até na prática esportiva há a necessidade de se vestirem de forma a externar uma feminilidade padrão.

Apesar de as mulheres terem sim alcançado mais representatividade nesse campo, as diferenças, quando comparadas ao futebol de homens, são evidentes. Para que isso mude, não se deve pensar apenas nesse mundo desportivo, focando na prática do esporte e suas regras. É preciso rever conceitos e normas impregnados na sociedade. É preciso reforçar desde a infância que a mulher pode ser e estar onde ela quiser.

No ano de 2005, em seu texto *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*, Goellner já mencionava que indubitavelmente o número de mulheres praticando futebol estava aumentando, muito devido à visibilidade e conquistas da seleção feminina nacional. Ao mesmo tempo, a autora apontava para a necessidade de se pensar o futebol feminino como um espaço a se conquistar, sobretudo no que diz respeito a ressignificar os sentidos que a ele estão incorporados pela sociedade brasileira, de forma a afirmar que esse espaço também deve ser das mulheres.

Assim, ao analisar as perspectivas e dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino em âmbito nacional, percebeu-se fortemente na fala das respondentes

a falta de incentivo, no sentido mais amplo da palavra, e o preconceito como determinantes em sua jornada.

Pensando esse cenário, algumas ações podem contribuir para uma evolução da percepção sobre o mundo do futebol de mulheres, a exemplo das instituições de fomento ao esporte; quer sejam estas públicas ou privadas, pense-se em oportunidades para o desenvolvimento de mulheres atletas praticantes de futebol no que diz respeito ao treinamento, competições, formação de equipes, patrocínio, trabalho. E, para além disso, possibilitar oportunidades em atuações como dirigentes, treinadoras, árbitras, dentre tantos outros benefícios do esporte a que apenas (ou de forma restritiva) os homens têm acesso.

Por mais que se tenham obrigatoriedades quanto a incentivar o desenvolvimento das categorias de base femininas, bem como de compor uma equipe principal feminina estruturada com o intuito de desenvolver o esporte, ainda será necessário modificar as impressões da sociedade arcaica que persiste no país e desqualifica o futebol de mulheres. Enfim, é necessário normalizar a presença feminina em todos os ambientes, porque “lugar de mulher é onde ela quiser”.

Referências

AGUIAR, Diovanna Stelman Negeski; MALDONADO, Daniel Teixeira. Futebol feminino no Brasil: problematizando saberes de resistência nas aulas de educação física escolar. **Temas em educação física escolar**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.1-25, ago./dez. 2021.

ALEXANDRE, Vanessa Ukan. **Gênero e esporte: quebrando tabus nas aulas de educação física**. 2016. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação). Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal do Paraná - UFPR. Lapa.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 284-301, 2018.

BARLEM Cintia; DUARTE, Karin; DILLON, Lorena. De menino ou de menina? Série do Tá na Área debate gênero no esporte e tabus quebrados. **Globo Esporte – GE**, Rio de Janeiro, 03 de dez. de 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/de-menino-ou-de-menina-serie-do-ta-na-area-debate-genero-no-esporte-e-tabus-quebrados-ao-longo-do-tempo.ghtml>. Acesso em: 15 de jul. de 2021.

BATISTA, Renata Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. **EFDEPORTES/ Revista Digital**, Buenos Aires, v.14, n.137, out. 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>
Acesso em: 15 de jul. de 2021.

BIRAM, Mark Daniel. As sereias da vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC feminino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27005, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/109357>. Acesso em: 14 de jun. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.109357>

BORTTOLIN, Anilse Maria Pícollo. “Futebol também é coisa de menina”: um estudo sobre o gênero feminino na escola. **Revista Univap**, São José dos Campos-SP, v. 17, n. 30, p. 100-112, dez.2011. ISSN 2237-1753.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. *Temporalidades*, v.13, n.1, p.695-705, jan./jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução, Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 240 p.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, Campinas - SP, n. 11, p. 11-42, 1998.

CBF - Confederação Brasileira de Futebol. **Regulamento de licença de Clubes**. Edição 2019. Disponível em: <http://portaldegovernanca.cbf.com.br/programa-de-licenciamento>. Acesso em: 15 de jun. de 2021.

EL PAÍS. Copa do Mundo feminina: Ser mãe ou jogar futebol, o dilema das mulheres que vivem da bola. **EL PAÍS, jornal diário espanhol**, São Paulo, 13 de Jun. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/13/deportes/1560383306_048881.html. Acesso em: 15 de jun. de 2021.

FERREIRA, Mario Jordão Pessoa et. al. Preconceito no futebol feminino: uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**, v.1, n.2, p.112-128, 2018. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/211/188>. Acesso em 07 jul. 2022.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**,

Associação Nacional de História - São Paulo, Brasil. vol. 25, núm. 50, pp. 315-328, 2005.

GAMBÔA, Thainá Chaul Bittencourt. **As dificuldades encontradas no futebol feminino: uma visão de atletas.** 2019. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília,

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr/jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, e27001, jan./dez.

2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157>.

Acesso

em: 15 de jun. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>

HOLANDA JUNIOR, Espedito Laerte. **"Elas por elas: jogadoras capixabas falam sobre futebol feminino, Gênero e sexualidade a partir de suas trajetórias"**. 2018. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Centro de Educação Física e Desportos – CEFD. Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Vitória.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol, é masculino? **Sociologias plurais**, n. especial 1, p.240-254, out./ 2012.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.** 2015. 375 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre.

KNIJNIK, Jorge. **Gendered barriers to Brazilian female football: 20th century legacies.** In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric. Routledge Handbook of Sport, Gender and Sexuality. New York: Routledge, 2014. p. 121-128.

MAFFEI, Willer Soares; VERARDI, Carlos Eduardo Lopes; CARVALHO, Bruno Jacob de. O Interesse Feminino pelo Futebol na Escola. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Edição Especial: Pedagogia do Esporte. São Paulo. v.11. n.45. p.507-514. Jan./Dez. 2019. ISSN 1984-4956.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, e27006, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/109328>. Acesso em: 14 de jun. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.109328>

MENDONÇA, Renata. O futebol feminino já foi visto assim - o que diriam dessas imagens hoje? **Dibradoras - Esportes Femininos**, 22 de mai. de

2019. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/22/o-futebol-feminino-ja-foi-visto-assim-o-que-diriam-dessas-imagens-hoje/>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

MENDONÇA, Renata; NINA, Roberta Nina. Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura. **Dibradoras - Esportes Femininos**, 24 de out. de 2018. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/10/24/para-mulheres-jogar-futebol-ja-foi-caso-de-policia-durante-a-ditadura/>. Acesso em: 14 de jun. de 2021.

ROQUE, Lorena Aparecida de Oliveira. **As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil**. 2020. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física), Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás. GOIÂNIA.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** - Revistas USP, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311. abr./jun. 2016.

SILVA, André Luiz dos Santos; SILVEIRA, Raquel da; KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; JAEGER, Angelita Alice. Treinamento de mulheres atletas: uma análise do instagram de jogadoras da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, e27007, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110137>. Acesso em: 10 jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110137>

SILVA, Diego Ferreira da. **A importância da prática do futebol no processo de desenvolvimento social das crianças**. 2015. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física), Departamento Acadêmico de Educação Física – DAEFI. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Curitiba, 2015.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes. Female athletes remembering football during childhood: the transposition of gender borders. **Journal of Physical Education**, v. 28, e2856, p. 1-8. 2017. DOI: 10.4025/jphyseduc.v28i1.2856

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; JENSEN, Larissa. “Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo”: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 39, n. 4, p. 355-361. out./dez. 2017.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática**. Movimento – **Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan./mar. 2013.